

A ABORDAGEM DA QUESTÃO DAS RELAÇÕES DE TRABALHO NA OBRA *O QUE FAZER?* DO AUTOR RUSSO NIKOLAI TCHERNICHÉVSKI

Thiago Rodolfo de Morais¹

Resumo: Esta pesquisa é uma análise da abordagem da questão das relações de trabalho na obra *O que fazer?* do autor russo Nikolai Tchernichévski. A partir da bibliografia literária levantada, composta por textos de crítica, jornais e periódicos, busca-se compreender como a obra foi recebida em sua contemporaneidade e as causas de ter se tornado tão popular na União Soviética logo após a revolução de 1917. Também o paralelo com a literatura ocidental, quanto à abordagem de temas similares e a recepção da obra pela crítica europeia serão consideradas. Tem-se por objetivo pensar a questão de forma condizente aos conceitos amplamente aceitos da teoria literária. Além disso, tem-se por objetivo ressaltar questões literárias, viés pelo qual a obra foi menos estudada em comparação às temáticas históricas e sociais. Para isso é importante entender o contexto literário em que a obra surge e suas influências, além do diálogo de Tchernichévski com outros autores seus contemporâneos, que corrobora a ideia de que o autor político foi inserido no meio literário de São Petersburgo.

Palavras-chave: Literatura russa. Século XIX. Política. Trabalho.

Abstract: This is an analysis of the approach of the work issues in the book *What is to be done?* from Russian author Nikolai Tchernichévski. From the literary bibliography raised, the composition by critical texts, newspapers and periodicals is sought as a revolutionary work in contemporaneity and as one of the most popular causes of the Soviet Union shortly after the revolution of 1917. There is also the parallel with a Western approach, about the approaching of similar themes and their choice of exercises for criticism. The aim is to think in a manner consistent with the most widely accepted concepts of literary theory. In addition, it aims to emphasize literary issues, at least one work that has been less studied compared to historical and social themes. For this, it is important to understand the literary context in which the work emerges and its influences, in addition to the dialogue of Chernyshevsky with other authors of his contemporaries, which corroborates the idea that the political author was inserted in the literary environment of St. Petersburg.

Keywords: Russian literature. Century XIX. Politics. Work.

1. A Rússia na segunda metade do século XIX: cenário político e social conturbado e seus primeiros romances

Ao se olhar para os desdobramentos da história russa no início do século XX, marcada pelo fim do tsarismo e pela revolução socialista, as profundas mudanças políticas, sociais e culturais ocorridas no país promoveram a ascensão de valores que foram previstos pela literatura local no século XIX. O socialismo soviético não é um fenômeno que surge espontaneamente, mas sim decorre de um processo de mais de meio século de revoltas,

¹ Mestrando em Teoria e História Literária, Unicamp, e-mail: thiagorodolfo.morais@gmail.com.

conquistas, como o fim da servidão, e movimentos de conscientização social. A obra estudada, *O que fazer?*, de Nikolai Tchernichévski, publicada em 1863, tem valor conferido historicamente como um dos principais instrumentos para essa necessária educação da população feita pelos movimentos de oposição ao tsarismo, tornando-se símbolo de inspiração às lideranças revolucionárias e leitura obrigatória nas escolas soviéticas.

Refletindo sobre o contexto de sua composição, deve-se considerar que em meados do século XIX uma forte influência da cultura ocidental atingiu a intelectualidade russa. Provenientes principalmente da França e da Alemanha, os ideais românticos revolucionaram não somente as temáticas abordadas, mas também o estilo da produção literária. Quanto a isto, Chostakóvski (1948, p. 184), em sua *História da Literatura Russa*, ressalta: “A particularidade do romantismo alemão consistia no predomínio do elemento filosófico que servia de base à sua estética”. É nesse contexto da história literária que nasce o romance russo, aos moldes praticados no ocidente. Hobsbawm (1996, p. 127-128) aponta as três principais ondas revolucionárias ocorridas no século XVIII, que colocaram em xeque a subsistência dos regimes absolutistas. A Rússia é incluída pelo autor na segunda destas, que se deu de 1829 a 1834; esse fato corrobora a concepção de um paralelo entre história e influências culturais russas e europeias no período referido.

Tendo isso em vista, deve-se também ressaltar que, no referido momento histórico, a ordem de poder no mundo ocidental sofreria grande modificação, com o fim da colonização nas Américas e a ascensão econômica e política da burguesia na Europa Ocidental. Apesar de a Rússia não estar diretamente inserida no contexto europeu, havia no seu meio intelectual e por parte de tsares anteriores a este período uma forte intenção ocidentalista, exemplo disso é a construção da cidade de São Petersburgo, construída aos moldes europeus e que recebeu a alcunha de “janela para a Europa”, pois era no período a capital nacional. O tsarismo, assim como os outros regimes absolutistas, entraria em decadência, aproximando socialmente a Rússia da Europa Ocidental e favorecendo a chegada das novas correntes de ideias que surgiam, principalmente na França e na Alemanha, nas universidades russas. Tchernichévski é influenciado, justamente, por esse movimento e expressa isso em sua obra. O contexto que ele cria como espaço de proposição e tratamento de suas questões é composto por estudantes de medicina, com centralidade nas figuras de Lopukhov e Kirsanov, que, ao tomarem contato com essas novas ideias a partir do estudo da ciência vinda da Europa Ocidental, tornam-se mentores de grupos de jovens que se organizam em volta deles. Na figura de Vera, por outro lado, está refletida a figura do povo russo, que ao tomar contato com essas ideias tende a ser libertado,

organizando-se em uma estrutura social em que os próprios trabalhadores gerissem todos os aspectos de suas vidas, o que é materializado na cooperativa.

Ao tratar da Revolução Francesa, o historiador Eric Hobsbawm traça o paralelo entre as histórias da Rússia e da Europa Ocidental:

Na medida em que a crise do velho regime não foi puramente um fenômeno francês, há algum peso nestas observações. Igualmente, pode-se argumentar que a Revolução Russa de 1917 (que ocupa uma posição de importância análoga em nosso século) foi meramente o mais dramático de toda uma série de movimentos semelhantes, tais como os que – alguns anos antes de 1917 – finalmente puseram fim aos antigos impérios turco e chinês (HOBSBAWN, 1996, p. 72).

MacKenzie e Curran (2002, p. 347), sobre o prevaecimento do radicalismo nos movimentos, dizem que apesar de, na maior parte de sua história, a população russa ter vivido docilmente submetida a regimes repressivos, o período de 1855 a 1905 foi marcado pela insurreição de diversas revoltas massivas que culminariam nas duas grandes revoluções de 1905 e 1917, as quais, por sua vez, resultaram no fim do czarismo e surgimento da União Soviética. Além disso, MacKenzie e Curran (2002, p. 347-348) ressaltam o fato de não ser comumente considerado que esses movimentos foram influenciados tanto por pensamentos radicais, quanto por liberais. Essas ideias oriundas da integração com a Europa Ocidental eram difundidas por jornais e revistas, de diferentes posicionamentos ideológicos, opositores ao regime que vigorava por séculos. Neste momento da história russa ocorre uma abertura à influência europeia sobre sua cultura incomum em outros momentos.

O surgimento dos movimentos revolucionários russos no século XIX também foi influenciado pelas características produtivas, basicamente agrária e artesanal. Wilson (1986, p. 38), ao contrapor as ideias socialistas e nacionalistas que surgiam na Europa após a revolução francesa, delimita palavras-chaves referentes ao contexto da época, dizendo: “A história do século XX pode ser resumida em três palavras: industrialismo, militarismo e socialismo”. Porém, na Rússia, o primeiro aspecto não se desenvolveu contemporaneamente ao ocidente, enquanto isso a influência dos outros dois aspectos se deu de forma muito acentuada, marcando muito fortemente a história e a sociedade russa no século XX.

A abertura das fronteiras culturais russas ocorre através de um grande fluxo de estudantes que vão à Europa Ocidental, mais frequentemente para Alemanha e França, como retratam as obras do período². Na referida época, a Rússia teve romancistas como Dostoiévski, Turgueniev e Tolstói que posteriormente seriam reconhecidos pelo cânone ocidental. Essa

² *O que fazer?*, de Nicolai Tchernichevski, e *Pais e Filhos*, de Ivan Turgueniev, foram as obras consideradas.

entrada de informações faz parte de uma tentativa histórica de ocidentalização da cultura russa, que se consolida em período posterior ao da obra e se caracteriza como uma das grandes influências aos movimentos populares que se consolidam no período.

A partir disso, as obras do período abordariam frequentemente questões como a utilização da terra, as relações de trabalho rurais e urbanas e o desenvolvimento científico. Esses aspectos, tomados recorrentemente no período realista pela literatura ocidental são, neste período, tópicos discutidos pelos autores russos, que a estes incorporam as grandes particularidades de seu contexto. Carpeaux (1962, p. 2015-2016), ao descrever o processo de fim do romantismo, atesta um fenômeno no romance inglês: “Neste último caso, o romantismo é tão completo, aparentemente romantismo de evasão, que nada revela o ambiente real dos autores; e tudo isso disfarçado de romance realista”. Sendo assim, a principal mudança da literatura a partir do realismo é a temática, não o processo de produção, uma vez que na composição das obras os autores continuam dando impressões de perspectivas não necessariamente fiéis às suas posições sociais, ou seja, há um distanciamento de uma verossimilhança de que se pode ter impressão. Esse processo se aproxima do caso russo na perspectiva que seus autores são influenciados pela estética literária europeia, mas estão inseridos em uma configuração social em que um outro caminho temático adquire enorme importância, sendo a abordagem social feita pelos russos em suas obras algo que atribui a tal literatura aspecto muito singular.

É comum na literatura russa do período, sem um disfarce de caráter idealizador, fazer uma abordagem direta de espectros sociais marginalizados, como camponeses, operários, pequenos comerciantes e funcionários públicos; diversas vezes assumindo protagonismo e utilizando as relações entre indivíduos de diferentes camadas sociais; relações estas comumente conflituosas. Essas representações mostram muito daquele momento social de acirramento político na Rússia, que se materializava em diversas revoltas e mais tarde culminou nas Revoluções Russas de 1905 e 1917. Esse caráter, porém, não exprime sozinho o que é a literatura russa do período. A estética, a forma, o desenvolvimento dos enredos e personagens e as questões psicológicas também possuem lugar privilegiado nas obras. Toda essa grande elaboração literária contribui para a perenidade desses romances e a perpetuação das ideias, que não foram restritas ao público do período, mas consolidaram-se como elementos importantes da cultura russa.

Assim, em um período pouco posterior ao surgimento do romance russo, Dostoievski e Tolstói surgem com uma complexidade filosófica extrema em suas obras, característica já vista em um primeiro momento em Gogol e que refletiu a grande influência cultural alemã, que muito

influenciou os estudantes russos no período, principalmente no grande interesse que se tinha pelos filósofos daquele país nas universidades. Estes autores inseriram a Rússia no mapa da literatura, despertando grande interesse e estudos por pensadores ocidentais de diversas áreas das ciências humanas. Porém, faz-se mais clara essa influência ocidental, em que a tradição russa é mais valorizada, em relação às novas influências, como a aclamada *Pais e Filhos*, de Turgueniev e a não tão conhecida *O que fazer?*, de Tchernichévski, ambas publicadas em 1862. Esta, apesar de não ter se tornado popular no ocidente e atualmente ser pouco estudada, tornou-se leitura obrigatória na União Soviética a partir da revolução. Os protagonistas foram encarados como modelos morais àquela sociedade socialista e assumidos como símbolo de uma nova cultura nacional. A relevância da obra no período pode ser atestada na clara inspiração a Lênin para a composição de sua obra que também leva o título *O que fazer?*.

Dessa forma, a obra mais importante de Tchernichévski pode ser estudada em uma análise que considere a relação entre literatura e história, levando em consideração que propõe uma nova ordem nas relações de trabalho ao traçar um paralelo com as inovações políticas do período. O reflexo social dessa questão sobre a população, principalmente na parcela mais jovem, que é representada pelo núcleo principal de personagens da obra, é um forte recurso de propaganda das ideias nela contidas. Essa obra, no período pouco posterior a sua publicação, tem como alvo e influencia as gerações que viriam a promover a revolução e disso decorre sua grande relevância histórica.

Logo, a obra *O que fazer?*, de Tchernichévski, possui todos os aspectos para ser inserida dentre a típica literatura russa do século XIX. Destaca-se, porém, nesse contexto, pela antecipação de uma nova ordem de trabalho presente na obra. A cooperativa de costureiras, liderada pela protagonista Vera Pavlovna, propõe ideais que não prevaleceriam no ocidente no período que decorreu daquele contexto. Enquanto na Europa e na América surgia uma nova classe burguesa detentora dos meios de produção, na Rússia, por meio dessa obra, sugere-se que os operários poderiam assumir essa posição. Além disso, a cooperativa apresentada por Tchernichévski, em especial, era não só um espaço de trabalho, como também de enriquecimento cultural e emancipação. A sua constituição, basicamente formada por mulheres jovens oriundas da classe trabalhadora, alerta o público para o fato de as mudanças sociais se iniciarem a partir da base da pirâmide, num caminho de subida vertical em que a população oprimida é capaz de tomar o papel de protagonismo na constituição da ordem social.

Por fim, ressalta-se que a importância histórica do autor seria outro fator a favorecer a interpretação de sua obra tal qual fora dada no período soviético. Tchernichévski é citado por MacKenzie e Curran (2002, p. 349), ao lado de Dobroliubov, como um dos principais

entusiastas do radicalismo que divulgaram ideias de reformas de instituições e valores no jornal *The Contemporary*³ (tradução para o inglês do russo). O autor Hobsbawm (1996, p. 72) ainda indica o caráter popular da onda revolucionária que se deu na segunda metade do século XIX. A Europa Ocidental, na segunda metade do último milênio, viu a ascensão de uma classe média burguesa, que devido ao fechamento, já descrito, da Rússia, não aparece na configuração de sua população no período. A ausência de uma classe poderosa economicamente e o surgimento dos movimentos ter se dado predominantemente a partir das classes trabalhadoras urbana e rural, favoreceu que as ideias progressistas, defendidas por Tchernichévski e marcantes em sua obra, culminassem na nova ordem política instaurada após a revolução de 1917.

2. As relações entre *O que fazer?* e a tradição literária

O que fazer? tradicionalmente foi estudada a partir de um viés histórico e sociológico. Isso se dá tanto pelo conteúdo da obra quanto por sua repercussão histórica. Porém, além da forte ligação de seu enredo com o contexto histórico, ela também apresenta os principais aspectos de temática da literatura russa, como o desenvolvimentismo científico, a relação entre a população mais pobre e o trabalho, e ainda as relações conflituosas entre classes sociais diferentes. Porém, esses aspectos são apresentados sob uma perspectiva distinta dos clássicos desta literatura; nela está contido um otimismo raro em outras obras literárias russas do mesmo período, olhar este que faz com que se infira a vinculação dessa obra pelos revolucionários à ideologia por eles defendida.

A cooperativa de costureiras criada por Vera Pavlovna se apresenta na obra como um protótipo de sociedade. Tchernichévski, a seu modo, segue uma tendência da tradição literária de produzir modelos sociais para expressar mensagens de forma exemplar. A obra, portanto, apesar de estar carregada de teor político e ser comumente tratada apenas por esse aspecto, apresenta evidentes características cristalizadas recorrentes no romance do período, como um herói virtuoso que se desenvolve moralmente durante o romance e se torna uma figura admirável perante a sociedade. Além do valor literário formal, há nele a particularidade de uma abordagem de uma proposição sócio-estrutural implicitamente apresentada.

Marshall Berman, em seu ensaio *Chernyshevski: a rua como fronteira*, através de dados históricos da produção de *O que fazer?*, apresenta algo indicativo à falta de abordagem crítica da obra pelo viés literário, apresentando o fato de que, no momento de sua publicação, a obra foi considerada um fracasso como romance, inclusive pelo seu autor:

³ Que pode ser traduzido livremente como *O Contemporâneo*.

Todos, inclusive Chernyshevski, consideraram *Que Fazer?* um fracasso como romance: o enredo era inverossímil, os personagens sem substância – ou melhor, um esquadrão de personagens que não se distinguem um dos outros -, o ambiente era difuso e não havia unidade de tom ou sensibilidade. Contudo, tanto Tolstói quanto Lenin se apropriaram do título de Chernyshevski e da aura de grandeza moral que o acompanhava. Eles reconheceram que esse livro ruim marcava, por todas as suas falhas evidentes, um passo crucial no desenvolvimento do espírito russo moderno (BERMAN, 2007. p. 254).

Portanto, o reafirmado valor moral e ideológico se sobressai como constituinte mais relevante da obra. Considerando seu contexto de produção, é natural que surja comparação com os autores de destaque seus contemporâneos da literatura russa, como Turguêniev, Dostoievski e Tolstói. No entanto, Berman indica em seu ensaio uma espécie de falta de elaboração da profundidade das personagens e da complexidade do enredo de *O que fazer?*, algo que vai à contramão da prática dos autores mencionados. Essa conformidade entre as diferentes personagens, demonstrando personalidades similares, reflete a ideia de tentativa de modelo de um novo cidadão russo. Elas seguem um padrão de comportamento condizente aos ideais do autor e permanecendo uma abordagem superficial das mesmas, que são representadas primordialmente em relação ao meio social e não ao interior de si mesmas, compreende-se o efeito generalizante que o olhar crítico às personagens de Tchernichévski transparece.

A composição da obra é marcada pela situação de necessidade de uma aprovação dos escritos do autor por parte da censura czarista, que se encontrava preso por fazer oposição ao regime. Tchernichévski olha a literatura como meio que possibilita a proposição de ideias através de um texto que propositalmente não deixa aparente a apresentação dessas pretensões, ao instituir como pano de fundo um triângulo amoroso que se resolve através de ações virtuosas de seus componentes, caracterizando uma estória que sugere inocência e idealização. A partir disso se constitui uma construção de imagens metafóricas, como a da sociedade que se institui na ideia da cooperativa, artifício pelo qual o autor didaticamente com a intenção de disseminar a ideia socialista de organização social. Além disso, o caráter literário favorece a permanência do texto ao longo da história, sendo assim possível a chegada dele às populações posteriores que colocaram em prática, através da revolução, os ideais propostos. A tratativa de *O que fazer?* pelo viés literário enriquece tanto o debate sobre a obra, quanto a tradição literária em que está inserida. A necessidade desse tipo de abordagem se autentica, uma vez que a obra é comumente inserida em uma relação de conversa com *Pais e Filhos* de Ivan Turguêniev e *Memórias do subsolo* de Fiodor Dostoievski. As discussões políticas russas do período se refugiam na literatura atraindo para ele, no caso da obra estudada, autores de outras áreas.

O texto apresenta o amadurecimento social dos jovens protagonistas Vera Pavlovna, Lopukhov e Kirsanov em referência a uma nova sociedade que surge. Esse recurso apresenta uma elaboração diferente se pensado em comparação, por exemplo, com a obra *O vermelho e o negro* de Stendhal, em que se retrata a formação de um tipo social de forma individualizada. O caráter de predominância do coletivo sobre o individual expresso na obra é um importante exemplo de um aspecto das ideias propostas por Tchernichevski inserido na obra sutilmente, mas que aparece de forma determinante em sua dinâmica. A partir da cooperativa a heroína adquire autonomia, em oposição à situação social em que se encontrava no início da obra, ainda no seio de sua família, relegada à aceitação de um destino por ela determinado. Essa conquista, porém, pelo caráter coletivo do sistema produção apresentado, não é libertadora apenas à protagonista, mas a um grupo grande de mulheres por ela acolhida no referido meio.

3. O espírito russo moderno e uma nova sociedade

Associada ao caráter das personagens, trabalhado por Berman, a organização de trabalho apresentada na obra de Tchernichévski constitui aspectos de um mesmo fim objetivado pelo autor de proposição de um novo tipo de sociedade para a Rússia.

A razão da fama imediata do livro e de sua força duradoura é revelada no subtítulo “Relatos sobre gente nova”. Apenas a emergência e a iniciativas de uma classe de “novas pessoas”, acreditava Chernyshevski, impulsionariam o ingresso da Rússia no mundo moderno. *Que fazer?* é, simultaneamente, um manifesto e um manual para essa futura vanguarda. Teria sido impossível a Chernyshevski, é claro, mostrar seus homens e mulheres novos envolvidos em alguma espécie de política concreta. Em vez disso, ele faz algo muito mais excitante: criou uma série de vidas exemplares cujas relações e encontros pessoais estavam saturados de política (BERMAN, 2007. p. 254).

O autor, ao traçar um novo perfil social a vigorar em uma sociedade desejada, abre a possibilidade de diferentes relações humanas e sociais. O livro atua tanto como propaganda das ideias políticas de Tchernichévski, como suas personagens são modelos a se seguir. Apesar de a verossimilhança da obra ser prejudicada pela estranheza dos comportamentos das personagens em relação ao período, historicamente a constituição delas é substancial para as formações cultural e social do contexto que culminaria na revolução de 1917. Da mesma forma que se pode constatar a diferença entre as duas realidades, a descrição da cooperativa visa mostrar a possibilidade de constituição de relações de trabalhos justas, pretendidas pelo autor. O que se percebe então na obra é uma elaborada rede de consequências de mudanças na esfera social russa convergindo para a criação de uma estrutura organizacional cultural e economicamente socialista. O subtítulo da obra, que não consta na edição brasileira, coloca os cidadãos, principalmente os jovens, em um papel de protagonismo na impulsão de uma nova sociedade

russo, excluindo da sociedade revolucionária a velha oligarquia dominante da sociedade czarista. A obra nesse sentido expressa fortemente a intenção política de Tchernichévski, sugerindo a troca do poder que deveria sair das mãos do regime monárquico para o povo, caracterizado por jovens estudantes e trabalhadores. Diferentemente do que ocorrera na Europa Ocidental em que o poder mudou de mãos, mas o trabalhador seguiu subalterno nas relações de poder político e econômico, no contexto russo não há a configuração de uma classe burguesa, o que favorece a ocorrência de uma revolução popular.

Em seu ensaio, Berman reproduz uma cena do romance e a partir dela cria um manifesto de encorajamento ao leitor que pretendia atingir. Ao retratar uma transgressão de relação de poder entre um jovem estudante e um dignatário em uma situação cotidiana, o autor infere que a estratificação social pode não ser algo obrigatoriamente fixo, ideia muito distante da cultura daquela sociedade até então. O crítico classifica *O que fazer?* como manifesto e manual, mas apresenta também um forte e eficaz caráter de propaganda. Ao sugerir o questionamento dos privilégios individuais naquela sociedade, Tchernichévski não só faz uma promoção informativa de suas ideias, mas aponta a viabilidade da concretização do novo modelo de sociedade que propõe. Portanto, há a instigação na população da crença de sua capacidade de reformar o sistema vigente. A referida cena exprime fortemente o caráter do livro de incentivar a subversão através de práticas realizadas em contextos de aparente banalidade. Quanto a isso, no encerramento de seu ensaio, Berman afirma sobre o romance:

Entretanto, apesar de sua incoerência e inaptidão, Chernyshevski alcança um resultado: representa os plebeus de Petersburgo desafiando os dignatários no meio da rua, em plena luz do dia. Essa cena é muito mais subversiva que as falsas conspirações que permitiram ao estado destruir sua vida. Tê-la concebido e escrito mostra não só coragem moral como também poder de imaginação. A localização em São Petersburgo lhe confere uma riqueza e uma ressonância especiais. Essa cidade tencionava dramatizar para o povo russo as exigências e a aventura da modernização imposta. *Que fazer?* dramatiza, pela primeira vez na história russa, o contra-sonho de civilização vindo de baixo. Chernyshevski sabia das inadequações de seu livro como drama e como sonho. Entretanto, enquanto desaparecia no vazio da Sibéria, legou aos sobreviventes o desafio notável, na literatura e na política, de completar o sonho e torná-lo mais real (BERMAN, 2007. p. 254).

Portanto, através de sua literatura deficiente em verossimilhança e elaboração profunda das personagens, mas rica em metáforas e ideias subscritas, Tchernichévski cumpriu sua pretensão educadora de uma sociedade para que ela se transformasse. Sua singularidade e relevância se exprimem na importância da obra para a sociedade russa, no impacto imediato causado por ela ao lançamento e por tudo que inspirou posteriormente, além de sua relevância literária constatada pelas respostas obtidas por outros autores altamente referendados e pela

análise que mostra a utilização extremamente eficaz de diversos recursos pelo autor, apesar deste não ter obtido o domínio do gênero em sua formalidade.

Referências bibliográficas:

BERMAN, Marshall. *Chernyshevski: a rua como fronteira*. In: Tudo que é sólido desmancha no ar. Tradução de Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHOSTAKOWSKY, Paulo. *História da Literatura Russa*; tradução de Álvaro Bittencourt. São Paulo, Instituto Progresso Editorial, 1948.

HOBSBAWM, Eric J. *A Era das Revoluções*; tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel, 9ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

MACKENZIE, David; CURRAN, Michael W. *A History of Russia, the Soviet Union, and Beyond*. 6ª ed. Belmont, CA; Wadsworth/Thomson Learning, 2002.

TCHERNICHÉVSKI, Nikolai. *O que fazer?*; tradução de Angelo Segrillo, 1. Ed. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

WILSON, Edmund. *Rumo à estação Finlândia: escritores e atores da história*; tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.